

DECOLONIALIDADE E INTERCULTURALIDADE: PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DA LICENCIATURA INDÍGENA TABAJARA

Ana Paula Araújo Mota¹

¹Ana Paula Araújo Mota, Mestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Tauá, CE, Brasil, paula.mota@uece.br.

1.INTRODUÇÃO

O termo decolonialidade é um termo relativamente novo, não sendo possível encontrar em vários dicionários. Tomelin (2021, p. 215) indica que a decolonialidade corresponde a uma insurgência à modernidade e uma profunda crítica ao que muitos chamam de pós-modernidade.

A perspectiva decolonial trata-se de um movimento epistemológico e político-social complexo que se distribui de modo muito heterogêneo (Candau 2025, p. 64) Essa perspectiva busca validar vozes de grupos que foram historicamente subalternizados.

Sabemos que a colonização foi responsável pela destruição dos valores culturais dos colonizados, impondo a sua cultura como superior e que embora, os povos já tenham conquistado a independência da condição de colônia, a colonialidade permanece nos padrões propagados como ideais. Tomelin, (2021, p.16) aponta que a reversão do quadro de marginalidade destes povos e suas culturas está na compreensão da marginalização provocada pela colonialidade, ou seja, é somente pela consciência e luta que podemos ressignificar os processos culturais, valorizando outros modos de ser e estar na sociedade.

Candau (2025, p, 66) aponta por um lado que o eurocentrismo propaga uma história linear, o caráter universal do conhecimento considerado científico; a inferiorização ou a negação da validade de qualquer outro conhecimento concebido a partir de outras lógicas; a naturalização das diferenças culturais, por outro lado, à diferença colonial convida a reconhecer os sujeitos subalternizados e inferiorizados, a desumanização provocada pela colonialidade.

Nessa perspectiva, o giro decolonial, conforme a autora, é o movimento de resistência, teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade, tendo em vista que “o decolonial é um processo dinâmico sempre em processo de fazer-se e refazer-se dada a permanência e capacidade de reconfiguração da colonialidade do poder. É um processo de luta, não só contra, mas, para a possibilidade de um modo-outro de vida” (Walsh, 2016 apud Candau 2025, p.67).

O objetivo da pesquisa é apresentar as percepções de decolonialidade e interculturalidade dos estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena Tabajara - LINTA. Dessa forma, a pergunta do trabalho se configura: quais são as percepções de estudantes da LINTA sobre decolonialidade e interculturalidade?

O interesse pessoal pela temática se deve ao fato de participar da coordenação local da LINTA, e da mediação da disciplina Prática Orientada na Educação Básica do Povo Tabajara juntamente com a professora historiadora Mônica Nunes. Essa oportunidade nos mobilizou a pensar o fazer docente a partir da leitura do contexto do aluno/professor em formação.

Academicamente, o trabalho se constitui relevante tendo em vista a escassez da produção acadêmica sobre a temática. Fonteles Filho (2017, p.1) indica que ainda são poucas as referências sobre formação de professores indígenas no âmbito da educação intercultural no Brasil e no Nordeste apenas há alguns anos se iniciaram as experiências de licenciaturas interculturais.

Dessa forma, em janeiro de 2026 foi realizada uma pesquisa no periódico CAPES com o descritor “contribuições da perspectiva decolonial para formação docente”, sendo identificado 11 (onze) trabalhos, destes, somente 2 (dois) se aproximava a temática, sendo os demais descartados da seleção.

Faz-se necessário identificar perspectivas teórico-práticas que apontem para outro horizonte de sentido, outras formas de desenvolver processos educacionais que confrontem com as tendências dominantes, centrada na racionalidade, no universalismo e no eurocentrismo. (Candau, 2025, p.63) uma vez que, os povos indígenas, foco da nossa investigação, historicamente ocuparam entrelugares nos processos educacionais e reivindicam por voz e reconhecimento dos seus saberes nos currículos escolares.

2.METODOLOGIA

O trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca atribuir sentido e significado aos dados. Guerra *et al* (2024) nos fala que a pesquisa qualitativa é uma abordagem essencial na investigação científica, que se concentra na compreensão profunda e interpretação dos fenômenos estudados, explorando a complexidade e riqueza de contextos sociais, culturais e individuais

A Licenciatura Intercultural Específica Tabajara - LINTA. Fruto direto das políticas afirmativas, representa a primeira experiência de educação indígena ofertada pela Universidade Estadual do Ceará - UECE através do Plano Nacional de Formação de Profissionais do Magistério de Educação Básica (PARFOR), ação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O curso propõe uma formação diferenciada para e com os povos originários, assumindo como pressuposto a superação da visão etnocêntrica e eurocêntrica que historicamente marcam a educação indígena. Assim, a licenciatura articula a cultura local e a prática da escola indígena (PPC LINTA, 2024).

O povo Tabajara de Quiterianópolis (Croatá e Fidélis) ainda não teve as terras demarcadas. Segundo a ADELCO (Associação para o Desenvolvimento Local Co-Produzido), a reivindicação pelo marco territorial foi iniciada no ano de 2003, mas, até o momento, não se efetivou. Logo, diante disso, a preparação acadêmica intui a construção de bases sociais que possibilitem a formação de diversos profissionais, entre os membros de uma mesma comunidade, com o fim de fundamentarem os processos de reivindicação de seus legítimos direitos; e de promoverem o reconhecimento de seus saberes tradicionais. (PPC LINTA, 2024, p.12)

Esse fato reafirma a importância da LINTA na formação de professores e no fortalecimento de lideranças indígenas no processo de luta e de ressignificação dos saberes ancestrais. O curso oferece uma importante formação para construção das Diretrizes Curriculares Indígenas do Povo Tabajara e do currículo intercultural da escola indígena Carlos Levy (Mota, 2025).

A pesquisa foi realizada no 4º semestre, na disciplina Prática orientada na Educação Básica do Povo Tabajara. No dia de fevereiro de 2025, iniciamos a aula explorando os conhecimentos prévios dos alunos sobre os conceitos de decolonialidade e interculturalidade para que pudéssemos refletir sobre os saberes do povo tabajara que são constitutivos do currículo da escola indígena.

Dessa forma, entregamos uma folha com as palavras decolonialidade e interculturalidade e solicitamos que registrassem as ideias relacionadas a estes conceitos. Dos 32 estudantes que frequentam o curso, estiveram presentes 21, destes, 09 atuam como professores da escola indígena Carlos Levy, 04 atuam na gestão da escola e os demais estão cursando sua primeira licenciatura.

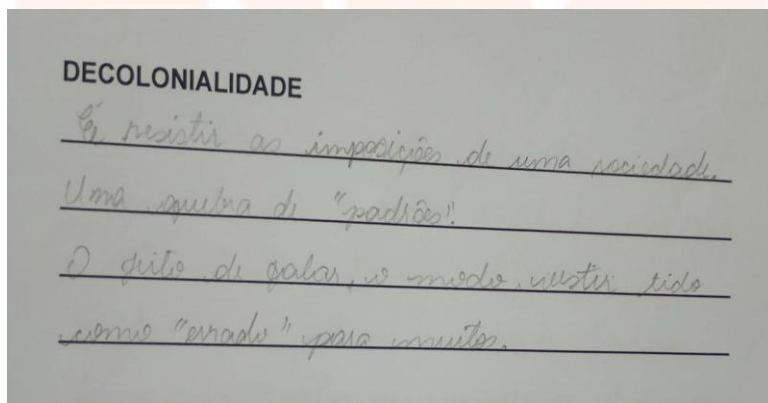
3.RESULTADOS E DISCUSSÕES

A disciplina Prática Orientada da Educação Básica Tabajara propôs o estudo e vivência dos modos de participação nas aldeias do povo Tabajara. Imersão na realidade sociocultural e histórica. Observação, participação e intervenção a partir dos saberes e fazeres tradicionais próprios (espiritualidade, medicina tradicional, modos de cultivar, criar animais, aviamentos, cultura alimentar, brincadeiras entre outros)

Foram realizadas entrevistas com os troncos velhos das aldeias (idosos/anciãos) para mapear os saberes e fazeres que serviram de base para construção de oficinas e/ou vivências itinerantes nas aldeias (Fidélis, Croatá, Bom Jesus e Vila Nova) visando a identificação e valorização dos saberes próprios do povo Tabajara e a inserção destes nas matrizes curriculares da escola indígena.

Dessa forma, compreender as percepções de decolonialidade e interculturalidade dos estudantes da LINTA são fundamentais para identificação, seleção de saberes e implementação de novas práticas na escola indígena que contribuam para decolonialidade do conhecimento.

Os estudantes apontam que a decolonialidade é um movimento de resistência e superação da herança colonial que estrutura o poder, a cultura e os conhecimentos.



As vozes dos estudantes apontam que a decolonialidade também está relacionada a valorização dos conhecimentos culturais e históricos do seu povo, possibilitando outra forma de pensar e agir que questionam os padrões impostos pela sociedade.

DECOLONIALIDADE

é o termo de pensar e agir, que busca valorizar os conhecimentos culturais e histórias dos povos que foram colonizados, como os povos indígenas e os Africanos.

Tomelin, (2021, p.16) nos fala que compreender o processo de marginalização provocado pela colonialidade é o que constrói a consciência e a ressignificação dos processos culturais, possibilitando outros modos de ser e estar na sociedade.

Em consonância com o autor, Candau (2025) aponta que o giro decolonial é o movimento de resistência à lógica da colonialidade, é o processo de luta que possibilita outros modos de participação e encontra na interculturalidade este espaço propício para a aprendizagem significativa.

Os estudantes da LINTA entendem a interculturalidade como o diálogo entre as diferentes culturas, reconhecendo e valorizando as diferenças.

INTERCULTURALIDADE

- valorizar a troca de saberes
- aprender uns com os outros.
- ouvir as histórias dos mais velhos.
- a interculturalidade propõe o diálogo e o respeito entre culturas.

Reconhecem a importância da troca de saberes e da aprendizagem cooperativa, fundamental para o desenvolvimento da consciência de classe. Candau (2025) aponta para outras possibilidades de desenvolver o processo educacional que confrontem as tendências dominantes.

4. CONCLUSÕES

A experiência da LINTA na aldeia permite que os estudantes permaneçam no seu contexto sem se desvincular da cultura do seu povo, fortalecendo suas lutas e a formação do povo Tabajara.

As percepções de decolonialidade e interculturalidade dos estudantes apontam para construção de outros modos de participação da sociedade, valorizando os saberes, a história e cultura do povo Tabajara.

Palavras-chave: Decolonialidade, interculturalidade, linta.

REFERÊNCIAS

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

CANDAU, Vera Maria. Perspectiva decolonial e intercultural: por uma pedagogia insurgente. In FRANCO, Maria Amélia Santoro Franco; MEDEIROS, Emerson Augusto de; MOREIRA, Jefferson da Silva. **Pedagogias Emergentes**. São Paulo: Cortez, 2025.

FONTELES FILHO, José Mendes. Interculturalidade, Inclusão e Inovação na Formação de Professores indígenas no Nordeste do Brasil. 38ª Reunião Nacional da Anped. 01 a 05 de out. De 2017. UFMA - São Luiz.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado – GeSec**. V.15, N.7, p. 01-15, 2024. São José dos Pinhais, Paraná, Brasil.

MOTA, Ana Paula Araújo. PERFIL DOS ESTUDANTES DA LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA TABAJARA NO SERTÃO DOS INHAMUNS CEARENSE.. In: . Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/seminario-nacional-de-pedagogia-534594/1187080-PERFIL-DOS-ESTUDANTES-DA-LICENCIATURA-INTERCULTURAL-INDIGENA-TABAJARA-NO-SERTAO-DOS-INHAMUNS-CEARENSE>. Acesso em: 06/03/2026

TOMELIN, Nilton Bruno. (2021). O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DECOLONIAL: UMA DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA E INTERCULTURAL. **Revista Do NESEF**, 10(2).

<https://doi.org/10.5380/neseef.v10i2.83211>

UECE. **Projeto Pedagógico do Curso**: Licenciatura Intercultural Específica Tabajara. Quiterianópolis. Crateús: Universidade Estadual do Ceará, 2024.